

A CIRCULAÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: CONTROLE SOCIAL ATRAVÉS DA REVISTA O ITIBERÊ (1919-1930)

Bruna Scheifer¹

Faculdade Santana

Eixo temático: Estado e Políticas Públicas na Educação

Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Nossa intenção é discutir, a partir da revista *O Itiberê*, publicada em Paranaguá entre 1919 e 2001, quase ininterruptamente, e denominada a revista mensal e ilustrada mais antiga do Paraná, a construção de identidades (como constructo, artefato, daí o papel da imprensa na difusão destas imagens mentais), seja regional e nacional, percebendo de que forma a revista representa o Paraná e sua relação com a Nação brasileira. Além disso verificar essa relação nos primeiros anos da República no Brasil entre 1919 e 1930, contexto histórico em que Paranaguá está inserida. Nesse momento como os intelectuais produziam um discurso que se pretendia hegemônico em relação à construção de uma intelectualidade considerada ideal e republicana, já que se buscava a legitimação do novo regime, “vendendo” as ideias da elite como a única possível. Através desses discursos os homens de letras procuravam “controlar” e “impor” a educação social que consideravam corretas naquele momento. A partir daí, construíram simbologias e discursos que acreditavam ser capazes de “educar” e “ensinar” o povo a melhor maneira de compreender a nação. Colaboravam com a revista, Criada sob iniciativa do Club Literário de Paranaguá, diversos autores que tinham vínculos com o Instituto Histórico e Geográfico e o Movimento Paranista como Rocha Pombo, Romário Martins entre outros.

Palavras chave: Educação. Identidade. Controle social.

O *Itiberê* (...) O máximo expoente da sociabilidade paranaguense, reunindo nos seus quadros os elementos mais finos e aprimorados da nossa comunhão, do ponto de vista da posição social do intelecto em radiosa projeção no futuro e constituindo o movimento primas da civilização deste lindo trecho da terra paranaense”. (ITIBERE, 1930: 15)

Este texto tem como objetivo situar o tema de pesquisa da revista *O Itiberê*, autodenominada “A revista mensal e ilustrada mais antiga do Paraná”, publicada a partir de 1919 em Paranaguá, cidade portuária e litorânea do estado do Paraná.

A revista, nascida sob uma iniciativa do Clube Literário de Paranaguá, circulou com poucas interrupções entre 1919 e 2001, revelando-se uma fonte significativa da imprensa paranaense². Já nos primeiros anos de circulação, a revista acolheu em suas páginas artigos de conhecidos intelectuais paranaenses, alguns deles de projeção nacional, como o historiador Rocha Pombo³, jornalista, professor, poeta e historiador e membro do Instituto histórico e

Geográfico Brasileiro. Colaboravam com artigos para a revista diversos autores que tinham vínculos com o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense e Brasileiro e também com o Movimento Paranista, os quais tiveram papel importante na constituição de uma identidade cultural paranaense imposta pela elite.

Desde a sua fundação, até 1930, a revista foi dirigida por Zenon Pereira Leite, funcionário da Receita Federal em Paranaguá. Além dele, a revista tinha como redatores o Dr. Leocádio Correia, médico, político, ator, escritor e jornalista, nascido naquela cidade, e Aluízio de Abreu que, mais tarde, em 1928, chegou assumir provisoriamente a edição da revista ⁴. O recorte temporal desta pesquisa inicia em 1919 e termina em 1930, ano em que ocorreu a mudança da direção da revista, coincidindo com o fim da Primeira República. A revista era apoiada financeiramente pelo Clube Literário, por comerciantes locais e funcionários públicos, sobretudo ligados às atividades do porto. Além dos anúncios, a revista sobrevivia das mensalidades pagas pelos seus sócios.

Observando os 142 exemplares⁵ publicados, percebemos que a maioria do material publicado era composto por material variado, sobretudo textos de caráter literário, poesias (em sua grande maioria voltadas a exaltar o Estado do Paraná e Paranaguá), crônicas, incluindo artigos dos mais variados assuntos, caricaturas, humor, página feminina, fotografias e outras imagens e anúncios. Sobre os assuntos, a revista publicava além de literatura, relatos de viagens, textos de conteúdo histórico, estatísticas, informações sobre a economia do estado, entre outros. A maioria do material era escrito especialmente para a revista, havendo material extraído de outras publicações, com a autorização do autor. As revistas que estão sendo analisadas, tem um formato de página de 26 cm de altura e 21 cm de largura, contendo entre vinte e duas e quarenta e oito páginas, com imagens coloridas – um diferencial na época já que a maioria dos periódicos eram em preto e branco.

A Revista *O Itiberê*, foi concebida por um grupo que se considerava capaz de colocar Paranaguá no “rumo certo”: esclarecer, ensinar, arregimentar e ordenar forças, formar opinião. Tendo como instrumento a palavra escrita, as elites literário-culturais estavam decididas a exercer, por meio da revista, aquela que acreditavam ser sua missão: conduzir Paranaguá na linha do progresso

A circulação deste periódico não se restringiu apenas a Paranaguá ou ao Estado do Paraná. É o que se percebe através da publicação de notas de outros periódicos de outros municípios do Paraná e estados brasileiros, nas páginas da revista. A publicação destas notas, sobretudo de periódicos dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, era, certamente, uma forma de procurar dar maior legitimidade à revista entre o público leitor. A

maior repercussão d'O *Itiberê* na primeira fase de sua circulação foi por conta dos comemorativos do Centenário da Independência, em 1922, quando *O Itiberê* publicou um número comemorativo referenciando a república em 1922.

O presente trabalho é uma investigação histórica sobre a organização da Revista O *Itiberê*, entendendo que a análise não se restringe apenas a história de circulação e de produção da revista no seu período de edição, mas também abarca o estabelecimento de relações que se foram articulando entre as características deste impresso, bem como a sua inserção e articulação com a dinâmica do contexto histórico em que circulava, tendo por objetivo, analisar de que forma a Revista O *Itiberê* representa o Paraná e sua ligação com o País, através de um discurso que se impunha ao povo, também como controle social. Objetiva, portanto, examinar o papel desempenhado pela revista em relação à construção de uma identidade paranaense e de uma identidade nacional, sem perder de vista o alcance da revista, centrado em Paranaguá. Estas construções de “identidades” serão entendidas como constructos, artefatos e representações que segundo BOURDIEU (1989), servem a interesses e jogos de poder. Daí o papel da imprensa na difusão destas imagens mentais, seja regional e/ou nacional, percebendo de que forma a revista representa o Paraná e sua relação com a Nação Brasileira.

A proposta de investigação, sistematização e análise das fontes, seguem alguns critérios. A revista é tratada como objeto de estudo, portanto, produção impressa a ser historicizada em suas diversas facetas sócio-históricas, e como principal fonte de análise, complementada por sua vez, como os demais tipos de documentação referentes ao objeto e ao período. A revista como fonte de estudo, como o restante da imprensa em geral, não é um transmissor neutro e imparcial dos acontecimentos, mas espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade, cujos textos estão midiaticizados pela interpretação de seus autores e condicionados pelo tempo de sua produção. A “realidade” divulgada nos periódicos está ainda atrelada aos interesses de classe, de grupos e de indivíduos responsáveis pela sua edição. Os artigos encontrados na revista são tratados como circulação social do conhecimento histórico⁶.

Na obra de Heloísa de Faria Cruz, *São Paulo em Papel e Tinta*, a autora mostra como as práticas letradas e em especial a escrita e a leitura constituem importantes relações culturais na cidade. No caso desta pesquisa, esta “cultura letrada”, será trabalhada na dimensão da construção e não da imposição sobre a cultura considerada “iletrada”.

É esta “cultura letrada” que vai definindo os interesses de classe, de grupos e de indivíduos que tem relações diretas com o porto, a economia, e a emergência de uma cultura

letrada. E é nesta experiência social destes indivíduos que a cultura impressa vai se modelando, concretizada principalmente pela difusão da imprensa periódica, constituindo-se como dimensão importante da experiência social. A partir da última década do século XIX, seja através da incorporação das novas formas de produção e representação, seja através da construção de temáticas e formas de contar, o povo e a cidade intrometem-se nas páginas da imprensa (CRUZ, 2000:15-20).

A presente pesquisa procura compreender a relação entre as práticas e as representações, conforme aponta Roger Chartier: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler”. Atenta-se, nesta investigação, para as relações entre representações e jogos de poder. Como afirma CHARTIER (1990:16), “as lutas de representação tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio”.

A revista em estudo se apresenta como veículo condutor de idéias e imagens. A intelectualidade, no início do século XX passou a refletir sobre questões do Brasil, tentando circunscrever as suas especificidades. Dessas tentativas resultaram conjuntos de representações que, segundo Tânia de Luca, que analisou o conteúdo da *Revista do Brasil*, periódico de circulação nacional, “instituíram problemas, imaginavam soluções e acalentavam diferentes sonhos e projetos de futuro” (LUCA, 1999). As análises das várias interpretações existentes sobre a Nação e, no caso, sobre o Paraná, permitem perceber como a intelectualidade elaborava sua visão de mundo, qual o arsenal analítico que manjava e qual a missão social e política que se auto-atribuía.

Esse grupo de homens de letras utiliza-se não apenas da linguagem escrita, mas também da visual. A capa do número da revista referente a março de 1923⁷, observa-se uma Araucária e uma poesia, de autoria de Rodrigo Júnior⁸, pseudônimo de João Batista Carvalho de Oliveira⁸, que tenta legitimar o pinheiro como símbolo do Paraná.

Os símbolos como o pinheiro, a bandeira, heróis nacionais estão presentes na maioria das edições da revista. BERGER e LUCKMANN (1996:88;140-141) afirmam que o universo simbólico localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro, ordenando a história. Liga os homens com seus predecessores e seus sucessores numa totalidade dotada de sentido; instituições e papéis particulares são legitimados por sua localização num mundo compreensivelmente dotado de significado.

A construção de idéias e imagens utilizadas para afirmar uma idéia positiva do Paraná e de Paranaguá – o porto de Paranaguá aparece como o “grande” promissor de progresso e trabalho para a população - e, ao mesmo tempo, mostrar a sua importância na formação da nacionalidade brasileira bastante rica, foi composta de múltiplas referências. Resumidamente, era baseado nas raízes e tradições históricas, nas potencialidades reveladas pelas riquezas guardadas pela terra e na posse de certos dons e talentos peculiares que caracterizavam apenas a sua gente (mas sobretudo as suas elites).

Vários são os autores que colaboraram com os artigos da revista, e entre eles encontramos fundamentos e ligações da revista com outros institutos existentes no período: Romário Martins, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, também era o principal líder do Movimento Paranista. Este movimento, para PEREIRA (1998:33), tinha como base a crença na ciência, na tecnologia, na fé e no progresso, se encarregou de construir uma história regional.

Como destaca SCHWARCZ, o papel reservado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e aos institutos regionais foi o de construir uma história da nação, de recriar um passado, de solidificar mitos de fundação, de ordenar fatos, que buscavam homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos. A tarefa dos Institutos vinculou-se à composição de uma história nacional para um país tão vasto e carente de delimitações não apenas territoriais.

O discurso da Revista concentrou uma parcela significativa da sua energia reivindicatória promovendo uma complementaridade simbólica entre a construção de uma “identidade” regional e a afirmação de uma “identidade” nacional. Dito de outro modo, diria que foi reforçando elementos identitários locais/regionais, produzindo discursos de grandezas passadas e presentes, salientando o papel do Estado na História nacional, descrevendo suas riquezas e qualidades, apresentando uma versão alternativa de nacionalidade dentre outras ações similares, que engajou na luta pela recuperação de um lugar proeminente na ordem republicana. Com isso, opunha-se a outros discursos identitários regionalistas que serviam para justificar a proeminência de um ou outro estado na nação, como o mito bandeirante ou a idéia de locomotiva do país, ambos advindos de São Paulo (LOVE, 1982).

Os espaços da produção da Revista O Itiberê eram compostos por uma elite(s) intelectual, econômica e financeira, com pretensões políticas, e a simbologia era a via para chegar até “povo iletrado”. Neste espaço – da produção da revista - havia uma busca da verdade na difusão desta produção que possibilitasse a construção de uma representação de “identidade regional” e “nacional”. Essa busca se reflete principalmente na construção e

projeção dos grandes heróis nacionais e regionais, nos símbolos – destacadamente a bandeira do Brasil e do Paraná - e nas festas cívicas. Para LE GOFF (1996), as comemorações cívicas alimentavam as recordações que se querem manter na memória.

No início da semana da Pátria, a imprensa paranaense apresentava à sociedade a programação referente à Comemoração do Centenário no interior do Estado. No início da manhã do dia 7 de setembro haveria alvorada, onde as bandas locais tocariam os hinos da Independência e o Nacional, sendo hasteada a bandeira nacional e a do estado nas repartições públicas e associações particulares.

Concordando com VELLOZO⁹, quando inicia seu artigo sobre as comemorações nas revistas humorísticas ilustradas, devemos debruçar-se sobre o passado para nele buscar as fontes simbólicas capazes de construir uma inteligibilidade para o presente, as festas comemorativas da nacionalidade configuram-se como acontecimentos significativos para a reflexão histórica. Principalmente em um momento em que é necessário assegurar a legitimação da República, embora este movimento tenha iniciado logo após a sua proclamação, a Revista, em 1919, ainda investe neste discurso legitimador.

E ainda é no ano de 1922, que a comemoração do Centenário de Independência, desperta neste povo a “nacionalidade”, e este ano mostra-se particularmente expressivo na montagem desse discurso imagético destinado a construir este ideal comemoracionista.

É lícito afirmar-se, pois, que a comemoração do primeiro centenário da Independência do Brasil, apesar de determinadas circunstâncias do domínio geral, constitui prova eloquentíssima da coesão da nacionalidade, das condições de civismo do seu povo, de quanto soube o nosso país atrair, através de um século de história, as homenagens especiais de quase todos os povos¹⁰.

A organização das comemorações do centenário da Independência, competem ao Estado, o relatório referente ao ano de 1922, apresentado pelo Inspetor Geral da Instrução Pública, Pietro Martinez¹¹, apresentado pelo Inspetor Geral da Instrução Pública, no ano de 1922, trata das comemorações do Centenário de Independência no Estado do Paraná. Nas capas de 25.000 cadernos distribuídos para as crianças neste período, foi impresso um resumo dos fatos que deram origem ao grito do Ipiranga, com o intuito de preparar as crianças para a comemoração.

A cidade de Paranaguá não fica de fora das comemorações do Centenário da Independência de 1922. A revista O Itiberê, edita um número especial só tratando das comemorações do Centenário em Paranaguá.

A Palácio Municipal, como era chamado na época, colabora para implantar uma simbologia da independência quando no dia da comemoração da independência ergue em seu salão um busto de Tiradentes: “Como vedes é a efígie da República e a efígie da República é a efígie da liberdade de uma raça forte ansiosa de governar-se, dirigir aos seus próprios passos e caminhar para o progresso e para a ordem”¹².

A revista publica e descreve em suas páginas as comemorações referentes aos 22 de setembro em Paranaguá, assim como toda a imprensa paranaense fazia no início da semana da Pátria, onde as bandas locais tocariam os hinos da Independência Nacional, sendo hasteada a bandeira Nacional nas repartições públicas e associações particulares:

No início da semana da Pátria, a imprensa paranaense apresentava à sociedade a programação referente à Comemoração do Centenário no interior do Estado. No início da manhã do dia 7 de setembro haveria alvorada, onde as bandas locais tocariam os hinos da Independência e o Nacional, sendo hasteada a bandeira nacional e a do estado nas repartições públicas e associações particulares.

Programação apresentada na Revista O Itiberê:

1- sessão cívica no Teatro Variedades efetuada às 22 horas do dia 6, a sessão cívica teve um caráter solene e foi aberta pelo Exmo. Sr. Cel. José Gonçalves Lobo, então prefeito municipal. O comandante Didio Costa proferiu um discurso e logo após foi encerrada a sessão solene passando para as comemorações festivas como: recitativos por diversas meninas, algumas peças musicais pela orquestra, e sendo executado o Hino Nacional ao terminar as apresentações.

2- A alvorada: o povo levantou cedo aos repiques do sino da Igreja para fazer uma passeata em comemoração ao Centenário da Independência

3- Missa Campal: 9 horas da manhã do dia 7, realizada na Praça Pires Pardini, foi um espetáculo tocante com o endosso de todas as autoridades e o concurso da Escola de Aprendizes Marinheiros, colégios públicos e particulares.

4- Sessão cívica no Palácio Municipal: ao meio dia do dia 7. O principal motivo da reunião no Palácio era proceder a entrega oficial do Livro Memórias Históricas de Paranaguá, de Antônio Viera dos Santos, obra essa mandada editar pela municipalidade para a comemoração do centenário da Independência.

O jornal a Gazeta do Povo, editado em Curitiba, descreve também em suas páginas a comemoração das festas Centenárias, na Capital paranaense: “Deu início ao festival o Hino Nacional que executado pela banda de música da Força Militar do Estado, foi cantado pelas 1.500 crianças. Após o Hino Nacional teve lugar a série de exercícios suecos, acompanhados pela entoação da Canção Brasil letra e música do tenente Aristóteles Xavier”¹³.

De todas as datas cívicas, Sete de Setembro é considerada bastante relevante porque é uma data que se refere a fraternidade nacional, conta a história do Brasil e das gerações que merecem a solidariedade republicana (OLIVEIRA, 1985).

Ainda para LE GOFF, as festas cívicas são um instrumento do governo ou das classes dominantes no trabalho de influenciar a memória da coletividade. Na primeira república brasileira, assim como na república francesa, as festas foram utilizadas como meios legitimadores: “se os revolucionários querem festas comemorando a revolução, a maré da comemoração é, sobretudo um apanágio dos conservadores e ainda mais dos nacionalistas, para quem a memória é um objetivo e um instrumento de governo” (LE GOFF, 1996:426).

Outra imagem presente na revista é a cidade de Paranaguá. As imagens mostram a cidade na linha do progresso, quando coloca, por exemplo, imagens do Porto de Paranaguá¹⁵, mostrando que a cidade está inserida na idéia de progresso e civilização presentes no período.

Sobre essas visões da cidade, pautadas pela ideologia do progresso que, nesse momento de consolidação do regime republicano, passa a ser veiculada em caráter nacional OLIVEIRA (1985, p. 232-233) assim comenta: “A modernização do Brasil, isto é, a adoção de instituições e do estilo de vida dos países mais avançados - e a França aparecem nesse contexto como o modelo por excelência- é o grande objetivo da elite intelectual brasileira comandada pelos bacharéis”.

O Nacionalismo e o Regionalismo estão presentes nos artigos da revista, e se complementavam, num contexto em que emergia uma nova idéia de nação e, pela descentralização política, um novo espaço para os regionalismos.

Para, Pierre BOURDIEU (1989), as idéias que compõe a construção de uma idéia de região são produzidas numa prática social, e, portanto, são sempre objetos de representações mentais. A idéia de região é resultante de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento, e de representações objetivas, presente em coisas (insígnias, bandeiras e emblemas), ou em atos, se constituindo inteiramente em estratégias de manipulação simbólica.

NOTAS

¹ Mestre em História. Professora de Ensino Superior na Instituição de Educação Superior Santana. E mail : brunascheifer@yahoo.com.br.

² Existiam outras revista como o Almanaque Paranaense (1916-1919), de circulação de curta duração

³ Iniciou-se cedo no jornalismo ao fundar e dirigir "O Povo", em cujas páginas fez as campanhas abolicionista e republicana. Sua colaboração se estendeu a outros órgãos da imprensa.

⁴ A substituição se deu por conta da ausência momentânea do editor, Zenon Pereira Leite, que assumiu função na Receita Federal em Recife, por nomeação do Ministério da Fazenda.

⁵ As revistas têm um formato de página de 26 cm de altura e 21 cm de largura, contendo entre vinte e duas a quarenta e oito páginas, com imagens coloridas .

⁶ Por “Circulação social” do conhecimento histórico, estamos entendendo nesse trabalho, a história repassada pelos meios de comunicação, filmes, rádio, imprensa, revistas... e toda a prática histórica fora da sala de aula. O conhecimento histórico circula portanto, socialmente, ao ser incorporado às mais diferentes necessidades de discurso, orientação e legitimação. Nesse processo, sofre alterações em relação à sua forma e conteúdo originais. Essas transposições são entendidas como objeto da Didática da História, e como meio no qual se forma e se desenvolve a consciência histórica. “Com isto, ela [a Didática da História] pressupõe que a consciência histórica esteja condicionada socialmente e leve a ou frutifique efeitos sociais”. (Bergmann, 1992, p.32).

⁷ Revista O Itiberê. Ano V, nº 47, Paranaguá, março de 1923.

⁸ Este mesmo poema de Rodrigo Júnior está editado no site do Governo do Estado: www.pr.gov.br/seec/simbolos_pinheiros.shtml

⁹ VELLZO, Mônica Pimenta. Come, Mora? Descobrimto, comemorações e nacionalidade nas revistas humorísticas ilustradas. In: **Os sentidos da comemoração**. Projeto História. São Paulo, n 20. abril 2000.

¹⁰ MARIZ, Herculano. **Revista O Itiberê**, Paranaguá, ano IV n 42, outubro, 1922.

¹¹ PARANÁ. Governador (1922). Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretário Geral do Estado pelo professor Pietro Martinez, Inspetor Geral do Ensino (1922). Curitiba: Typ. Da Penitenciária do Estado, 1923.

¹² s/a. Primeiro Centenário da Independência do Brasil. **Revista O Itiberê**, ano IV, n 42, outubro, 1922.

¹³ s/a. Em comemoração do Centenário. **Jornal Gazeta do Povo**, Curitiba, 14 de set de 1922.

REFERÊNCIAS

- BERGER; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. “**A identidade e a representação**. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéias de região. “In: Poder Simbólico. Lisboa:Diefel, 1989.
- CHARTIER, R. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa:Difel, 1990. p.17
- CHARTIER, R. **O Mundo como Representação**. In: Estudos Avançados, São Paulo, v.5, n.11. p. 173-191, jan-abr. 1991.
- CRUZ, Heloísa de Faria. **São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo:Educ, 2000.
- DECCA, E.S.de. **Memória e Cidadania**. In: REIS, A.C.F. O Ensino da História no Brasil. México: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1953.
- JUNIOR, Rodrigo. Revista O Itiberê. Ano V, nº 47, Paranaguá, março de 1923.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas. São Paulo: editora da Unicamp, 1996.
- LOVE, Joseph. **A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira. 1889-1937**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982
- LOVE, Joseph. **A República Brasileira: federalismo e regionalismo (1889-1937)**. In MOTA, Carlos Guilherme. **Viagem Incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação**. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 123-160.
- LUCA, Tânia Regina de. **A revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.
- MARIZ, Herculano. “**Belo sonho**”. Revista O Itiberê, ano VII, nº 69-70, janeiro – fevereiro, 1924. (s/p).
- MELLO, Silvia Gomes B. **Terras do futuro, terras do Paraná**. Apontamentos sobre a integração territorial (Paraná, I república).
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária. Data
- NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da República**. O Brasil na virada do século XIX para o século XX, in: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila, (orgs.). O Brasil Republicano I. O tempo do liberalismo excludente da Proclamação da República á Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes. **Paranismo**: cultura e imaginário no Paraná dos anos 20. In: Cultura e cidadania. Paraná, ANPUH, vol. 1, p. 273-292, 1996.

POLLACK, M. **Memória e identidade social**. *Estudos Históricos*: Teoria e História, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

SCHENA, Denílson Roberto. **O lugar da Escola Primária como Portadora de um Projeto de Nação**: o caso do Paraná (1890-1922). Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. 2002.

SZESZ, Christiane M. **O conceito de Região**: Discursos e representações do Paraná. (mimeo)
SWARZA, Décio. **O forjador**: ruínas de um mito. Curitiba: UFPR, Dissertação de mestrado, (mimeo), 1993. p.33.